

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NA CAPTURA, CONSTRUÇÃO E COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO EM PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Maria Lígia Ganacim Granado Rodrigues Elias ¹

Viviane Sartori ²

Iara Carnevale de Almeida ³

***Abstract:** The article reflects on the relevance of combining the semi-structured interview-type research instrument with Knowledge Management (KM) applied in the development of a university extension project. With a qualitative approach, this study consists of basic research, bibliographical review about KM and the use of research instruments for data collection that corroborate the elaboration and execution of university extension projects. It is concluded that semi-structured interviews are instruments for capturing, building and sharing knowledge and, therefore, fundamental for the management of projects of this nature.*

Keywords: Semi-structured interview, Knowledge Management, University Extension.

Resumo: O artigo reflete sobre a relevância da combinação do instrumento de pesquisa tipo entrevista semiestruturada com a Gestão do Conhecimento (GC) aplicada no desenvolvimento de um projeto de extensão universitária. De abordagem qualitativa, este estudo consiste em pesquisa básica, de revisão bibliográfica acerca da GC e do uso de instrumentos de pesquisas para coleta de dados que corroboram na elaboração e execução de projetos de extensão universitária. Conclui-se que entrevistas semiestruturadas são instrumentos de captura, construção e compartilhamento do conhecimento e, portanto, fundamentais para a gestão de projetos dessa natureza.

Palavras-chave: Entrevista semiestruturada; Gestão do Conhecimento; Extensão Universitária.

1 INTRODUÇÃO

¹ Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações – Universidade Cesumar – (UNICESUMAR) Maringá – Brasil. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI) Maringá – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3645-9131> e-mail: maria.el@unicesumar.edu.br

² Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações – Universidade Cesumar – (UNICESUMAR) Maringá – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6360-9444> e-mail: viviane.sartori@unicesumar.edu.br

³ Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações – Universidade Cesumar – (UNICESUMAR) Maringá – Brasil. Bolsista de Produtividade do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI) Maringá – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3587-3883> e-mail: iara.almeida@unicesumar.edu.br

Ensino, pesquisa e extensão são atividades que caracterizam as Universidades brasileiras, desde a Constituição de 1988 que consagrou o princípio da “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Art 207) e a LDB de 1996 (Lei no 9.394/96) que estabeleceu a extensão universitária como sendo uma das finalidades da Universidade (Artigo 43), (Gadotti, 2017). A extensão universitária tem como objetivo a inserção da comunidade universitária, seus professores, técnicos e alunos na sociedade. Tratam-se de ações de diferentes tipos, mas que visam a troca de experiências e vivências entre a Universidade e a sociedade (Silva, 2020).

As reflexões deste artigo comunicam-se diretamente ao desenvolvimento de um projeto de extensão voltado aos jovens na cidade de Maringá/PR. O objetivo e motivação deste projeto de extensão é compartilhar e disseminar conhecimento da Universidade, por meio de oficinas temáticas facilitadas por especialistas da Universidade Cesumar (UNICESUMAR) e que tratem de questões relativas à juventude, construindo um espaço de trocas e diálogo com os jovens da cidade, promovendo o protagonismo social dos jovens participantes.

Ressalta-se que não se pretende construir um conhecimento formal ou acadêmico *per si*. Pretende-se oferecer, aos jovens participantes, encontros que sejam alinhados às necessidades e potencialidades locais, de modo a tratar de temas afeitos ao cotidiano desses jovens, fomentando um espaço dialógico de escuta e de trocas, com atenção a questões concretas que possam impactar na vida de jovens socialmente vulneráveis (Justino et al., 2021).

Tendo em vista esta proposta de oferecer encontros atentos às necessidades e realidades locais, o projeto de extensão foi dividido em duas partes. A primeira voltada para composição da equipe de participantes (professores, alunos e voluntários) e, principalmente, idas exploratórias às comunidades em que se estabeleceram conversas com presidentes de bairros de modo a ouvir suas demandas, expectativas e percepções sobre a juventude do bairro e as oficinas a serem ofertadas. Ou seja, a primeira etapa do projeto consiste em conduzir entrevistas semiestruturadas não apenas como um instrumento de coleta de dados, mas também como recurso de interação social, produção e compartilhamento do conhecimento (Qu & Dumay, 2011).

A segunda parte é diretamente interconectada com a primeira, pois, considerando os dados coletados e analisados e as relações interpessoais estabelecidas, dá-se o início às oficinas em diferentes ambientes (comunidade e/ou universidade) e com diferentes propósitos, construídas e executadas com a participação dos atores da academia e das comunidades.

Sendo assim, as entrevistas tornam-se instrumentos, momentos e espaços de construção de interação no local em que se pretende desenvolver o projeto. Ao mesmo tempo em que os dados são coletados, visando assim uma real adequação do projeto, é também construída uma

sociabilidade entre Universidade (entrevistadoras) e comunidade (entrevistados). Além disso, uma entrevista bem planejada torna-se um importante instrumento de coleta de dados que são relevantes para a estruturação de um projeto atento às especificidades e demandas sociais do local em que será implementado. Pode-se ir além do reconhecimento da relevância da entrevista enquanto instrumento de pesquisa qualitativa na área da pesquisa acadêmica.

Portanto, a entrevista pode ser mais do que um instrumento de coleta de dados, pode ser compreendida como sendo um espaço e momento de trocas de experiências através do diálogo - com a captura de conhecimento e, conseqüentemente, construção de novos conhecimentos - frutos da interação entre entrevistador e entrevistados. Para elaboração do projeto de extensão, com o caráter acima explicitado, adota-se a perspectiva da Gestão do Conhecimento (GC), uma vez que a GC se fundamenta em princípios, práticas e ferramentas que potencializam e estruturam um mapeamento do ambiente a ser implementado um projeto, viabilizando ações de maior efetividade.

O objetivo geral deste artigo é, portanto, analisar a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados que, juntamente com a GC pode ser aplicada de forma efetiva no desenvolvimento de um projeto de extensão universitária.

Este artigo apresenta, além desta seção inicial, a seção 2 com os conceitos necessários para compreensão do estudo e, na seqüência, a metodologia desta pesquisa. Os resultados são apresentados nas seções 4 e 5, onde são discutidas como a entrevista semiestruturada pode ser compreendida como um recurso de captura, produção e conversão de conhecimento para mapear informações relevantes para elaboração de projetos de extensão. Concluindo o trabalho, apresentam-se as considerações finais e referências.

2 ENTREVISTAS COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A produção do conhecimento científico diferencia-se de outras formas de conceber o mundo, por sua preocupação sistemática sobre como o conhecimento é produzido, debruçando-se assim em questões epistemológicas e metodológicas (Matallo Jr, 1994; Pinto & Da Silva, 2020). Nesse sentido, Minayo (2016) aponta para o fato de que a produção do saber científico possui duas dimensões: (i) a que corresponde à elaboração das teorias, métodos, princípios e resultados; e (ii) a que consiste em inventar, modificar, corrigir e abandonar certos conhecimentos elaborados ao longo dos anos. Ou seja, a pesquisa científica reveste-se de rigor sobre seus procedimentos, ao mesmo tempo que assume que todo conhecimento que se constrói é aproximado, social e historicamente contextualizado e, por isso, passível de modificações.

Segundo Minayo (2016, p.14), é possível entender a metodologia como “o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade”. Essa mesma autora indica que a metodologia “inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade)” (Minayo, 2016, p. 14).

De forma geral, pode-se caracterizar pesquisas quantitativas como aquelas que buscam quantificar e, a partir disso, fazer análises e generalizações, sua fundamentação teórica é o positivismo. Já as abordagens qualitativas de pesquisa são aquelas que buscam, de alguma forma, perceber a realidade humana, compreendendo e interpretando relações, valores, atitudes, hábitos e crenças, uma vez que esta realidade é vivida socialmente. Assim, são pesquisas que buscam a subjetividade e o compreender tanto as interações quanto os significados a elas atribuídos (Alvarez-Gayou, 2003).

Entre os diferentes marcos teóricos e interpretativos nos quais se fundamentam as pesquisas qualitativas, é possível identificar a entrevista como sendo um instrumento de coleta de dados consolidado e utilizado na busca da interpretação de fatos e relações sociais. Entrevistas estão entre as estratégias mais conhecidas para coletar dados qualitativos, sendo utilizadas em diversas perspectivas disciplinares, tais como: antropologia, psicologia, administração, serviços de saúde, entre outros; podendo ser mais ou menos estruturadas. (DiCicco-Bloom & Crabtree, 2006). Pode-se conceituar a entrevista como sendo “uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador e sempre dentro de uma finalidade” (Minayo, 2016, p. 58).

Conforme (Álvarez-Gayou, 2003; Minayo, 2016), as entrevistas podem ter diferentes finalidades e estruturas, sendo possível identificar, pelo menos, os seguintes tipos:

1. Entrevistas estruturadas ou de sondagem de opinião - o entrevistador aplica um questionário estruturado na qual o informante dá respostas à pergunta formulada pelo entrevistador;
2. Entrevistas semiestruturadas - há uma combinação de perguntas fechadas e abertas, o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema e o entrevistador pode adicionar mais perguntas, em função das informações recebidas;
3. Entrevistas abertas ou em profundidade - o entrevistado é convidado a falar livremente sobre o tema e as perguntas do pesquisador, quando feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões;

4. Entrevistas projetivas - há uso de dispositivos visuais como filmes, vídeos, pinturas, gravuras, fotos, poesia, redações e etc. Constitui em um convite para o entrevistado discorrer sobre o que vê ou lê. Pode ser usada para tratar de assuntos delicados e que temos problemas em abordá-los diretamente; e
5. Grupos focais - são compreendidos como sendo uma modalidade de entrevista em grupo onde existe interesse do pesquisador em saber como os indivíduos criam um esquema ou perspectiva sobre um problema, por meio da interação.

Este artigo busca explorar, especificamente, as entrevistas semiestruturadas como um instrumento de coleta de dados qualitativos, que promove o compartilhamento do conhecimento relativos à vivência, experiência e percepções pessoais dos respondentes para que, com base nessas informações, seja desenvolvido um projeto de extensão universitária voltado para a comunidade e pautado em conhecimentos fundamentados.

Entretanto, a entrevista não deve apenas ser entendida como sendo um canal para a transmissão conhecimento, do entrevistado para o entrevistador, porque tal pensamento limita o caráter dialógico da entrevista. Deve-se aproveitar do potencial da entrevista semiestruturada para compartilhar conhecimento, pois esta não se resume a ser um instrumento/procedimento de coleta de dados mas, também (ou principalmente), um espaço que permite a construção e gestão do conhecimento (Qu & Dumay, 2011) como suporte indispensável para os projetos de extensão universitária.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

As definições metodológicas deste artigo correspondem à pesquisa básica por ter o propósito de gerar conhecimentos novos a partir de procedimentos de revisão de literatura, caracterizando-se, também, como pesquisa bibliográfica (Prodanov; Freitas, 2013). Quanto aos objetivos é exploratória e descritiva, uma vez que pretende explicitar como a GC e o instrumento de pesquisa do tipo entrevista semiestruturada para coleta de dados e de informações, corroboram na elaboração e execução de um projeto de extensão universitária (Gil, 2008).

A abordagem qualitativa se configura neste estudo devido às características da pesquisa, que visa descrever os dados teóricos coletados em bases de dados consolidadas, com posterior classificação, leitura e análise dos conteúdos pertinentes à pesquisa, seguindo com estudos verticalizados dos materiais selecionados a fim de alinhar com os objetivos previamente

definidos (Prodanov; Freitas, 2013). Por fim, a pesquisa apresenta uma reflexão que conjuga o conhecimento teórico da GC e de metodologias de pesquisa com a experiência da elaboração de um projeto de extensão em andamento.

Referente aos procedimentos éticos da pesquisa, estes são cumpridos com o esclarecimento aos entrevistados sobre os objetivos da pesquisa, seus riscos e objetivos, assinatura do TCLE levando em conta a Resolução nº 510/2016 do CONEP. (CAAE 49397421.0.0000.5539 e parecer 4847848).

4 A GESTÃO DO CONHECIMENTO NA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Para a proposição de estudos é de suma importância a realização de mapeamento prévio para estruturar os conhecimentos predecessores necessários à elaboração de projetos de extensão universitária. Dados e informações referentes à uma comunidade ou região tornam-se conhecimentos de grande relevância para fundamentar propostas que tenham sentido e poder de transformação.

Nesse sentido, a Gestão do Conhecimento (GC) tem em suas bases teóricas princípios, práticas e ferramentas que potencializam e estruturam um mapeamento efetivo do ambiente a ser implementado um projeto, viabilizando ações de maior efetividade, criando valor, alinhando e agregando os saberes da comunidade ao conhecimento acadêmico.

Com seu grau de maturidade já estabelecido, a GC indica a importância do conhecimento na atualidade e estrutura métodos e técnicas capazes de gerir este que é o principal ativo que move o mundo, que é base do processo inovativo, principal fator de produção e competitividade (Dalkir, 2017; North, 2010; Sveiby, 1998; Nonaka & Takeuchi, 1997).

Produzido no decorrer da existência humana, o conhecimento adquiriu importante papel não só nas organizações, mas também nos demais setores da sociedade como reflexo da globalização socioeconômica, potencializada pelo avanço e sofisticação das Tecnologias de Informação e Comunicação (Dalkir, 2017; Sartori, 2013; Nonaka & Takeuchi, 2008), tornando-se o fator base para a definição de Sociedade do Conhecimento (Imbernón et al., 2020).

Entender como o conhecimento se estabelece e se empodera na atualidade como mobilizador de agregação de valor e riquezas em todos os setores da sociedade, é de suma importância. Nonaka e Takeuchi (1997) trouxeram, ainda no século XX asserções sobre a dinâmica dos ciclos de criação/recuperação, compartilhamento/disseminação e

aplicação/utilização do conhecimento, essenciais para compreender como o conhecimento potencializa uma organização inserida em um mercado altamente competitivo, pois “o conhecimento é o alicerce do processo inovativo e sua criação e difusão alimentam as mudanças econômicas, sociais e tecnológicas, constituindo-se em fonte de competitividade sustentada (Sartori, 2017, p. 52).

O conhecimento tem em sua base os elementos dado e informação e está diretamente ligado a pessoas, pois representa uma relação de ação com as crenças, vivências e experiências dos indivíduos e, segundo (Dalkir, 2005; Nonaka & Takeuchi, 1997) e tantos outros autores, esse conhecimento pode ser caracterizado em dois tipos: tácito e explícito.

O conhecimento tácito distingue-se pela subjetividade, complexidade para ser formalizado, registrado, comunicado ou compartilhado. É um conhecimento intuitivo, pessoal, não articulado, configurando-se como um modelo mental criado a partir de ações, estudos, vivências, experiências e, muitas vezes, de difícil reprodução e armazenamento (Nonaka & Takeuchi, 1997; Dalkir, 2005).

As características do conhecimento explícito mostram-se em representações tangíveis como gravações, escritas e imagens, bem como pode ser apresentado e sistematizado a partir de palavras, números, sendo de fácil comunicação e disseminação por meio livros, softwares, fórmulas científicas, etc. O conhecimento explícito é a representação concreta de um conteúdo que foi capturado, transferido de produtos, serviços, informações de diversas naturezas (Nonaka & Takeuchi, 1997; Dalkir, 2005).

Considerando as especificidades desses dois tipos de conhecimento e a relação ativa entre si, onde o conhecimento tácito que está disponível somente na mente do indivíduo e o conhecimento explícito é aquele registrado em algum meio externo ao indivíduo, Nonaka e Takeuchi (1997) apresentam o modelo SECI para demonstrar como a interação desses dois tipos de conhecimento, numa espiral de interações dinâmica e contínua, propicia a criação de novos conhecimentos a partir de quatro etapas de conversão do conhecimento: socialização, externalização, combinação e internalização.

Especificamente, a **socialização** é a interação entre conhecimentos do tipo tácito, ocorrendo por meio do compartilhamento de habilidades, experiências, modelos mentais. Dalkir (2017, p. 54) afirma que a “socialização está entre as formas mais fáceis de trocar conhecimentos” pois este pode ocorrer em momentos informais de observação, em conversas na pausa para um café ou na prática de uma atividade.

A **externalização** (ou explicitação) efetiva-se no momento em que o conhecimento tácito é explicitado para uma pessoa ou um grupo com o uso de formas diversas para expressar

uma ideia como participação em palestras, leituras de textos, uso de modelos, gravações, tornando assim, o conhecimento tangível.

Outra forma de conversão do conhecimento proposto pelos autores é a **combinação**, que gera conhecimento a partir da etapa de externalização, sistematizando, combinando e articulando conjuntos de conhecimentos explícitos, resultando em novos conhecimentos explícitos. Essa forma de conversão de conhecimento pode ser observada em ações entre indivíduos que utilizam e compartilham documentos, e-mails, realizam reuniões, estruturando conhecimento e aplicações práticas, gerando conhecimentos novos e mais complexos.

A **internalização** do conhecimento, última etapa da espiral proposta por Nonaka e Takeuchi (1997), ocorre quando o conhecimento explícito se converte em conhecimento tácito a partir de experiências (aprender fazendo), reorganizando os conhecimentos tácitos, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Espiral do conhecimento



Fonte: Nonaka e Takeuchi (1997, p. 80)

Diante dos modos de conversão do conhecimento e da afirmação de Takeuchi e Nonaka (2008, p. 25) que “o conhecimento é criado apenas pelos indivíduos” é possível certificar-se da importância do recurso de entrevistas como instrumentos para a captura e também produção de conhecimento voltados para compreensão das informações necessários e relevantes para compor as bases de um projeto de extensão universitária voltado para as reais necessidades de comunidades periféricas sujeitas à vulnerabilidade social e econômica.

Portanto, a GC otimiza e enriquece a composição do projeto de extensão universitária, estruturando, a partir da captura e do compartilhamento e produção do conhecimento, e potencializando a interação entre a comunidade e a academia, aproximando experiências e vivências reais entre os diferentes participantes.

5 DISCUSSÕES

Projetos de extensão tem o seu foco voltado para a comunidade externa à Universidade, porém sua função não é o de promover assistência à comunidade, mas estabelecer o diálogo entre os saberes e conhecimentos disciplinares dos cursos universitários e as questões mais amplas que permeiam a sociedade. A extensão Universitária aproxima professores, alunos e técnicos das demandas sociais, e de contextos extra Universidade, contribuindo assim para o reconhecimento e aceitação das diferenças sociais e fortalecimento de práticas cidadãs (Gadotti, 2017). Por esse motivo, a elaboração de um projeto de extensão deve ir além de uma proposta unilateral de intervenção na comunidade, mas ser fruto de um diálogo entendendo e promovendo a autonomia daqueles que serão a clientela de suas ações.

As entrevistas são instrumentos e momento privilegiado de trocas e interação e por isso, entendida como um recurso fundamental para a elaboração de projetos de extensão à luz da Gestão do Conhecimento. O projeto de extensão visa a promoção do saber construído na Universidade junto a jovens da comunidade, compartilhando e disseminando conhecimentos de diferentes áreas em um trabalho interdisciplinar, colaborativo e atento às expectativas dos participantes.

Além disso, a GC auxilia em cada etapa da elaboração e aplicação do projeto, uma vez que teoria estabelece a importância do registro do desenvolvimento e dos resultados obtidos para interação entre Universidade e comunidade a fim de a construir uma memória organizacional (Neves & Cerdeira, 2018) que apoiará a sua replicação em outras comunidades, ressaltando e reutilizando boas práticas aplicadas nas oficinas propostas nesse projeto piloto de extensão (Dalkir, 2017).

Considerando que o conhecimento começa nas pessoas e que disponibilizá-lo para outras pessoas promove a criação de novos conhecimentos por meio de interações sociais que, na percepção de Nonaka e Takeuchi (1995, apud Dalkir, 2017), ocorre na forma de uma espiral do conhecimento. Desse modo, os atores pertencentes às comunidades beneficiadas pelo referido projeto de extensão e os dos pesquisadores que constituem nessa relação de troca, uma espiral de conhecimento, com contributos que promovem a conversão do conhecimento através

dos processos de socialização, externalização, combinação e interação (Nonaka & Takeuchi, 1997).

No projeto de extensão universitária, evidencia-se esses quatro processos em diferentes momentos e ações. Em especial, pode-se destacar que no processo de socialização do conhecimento ocorre nas trocas durante as entrevistas, no *face to face*, nas interações entre entrevistado e pesquisadores, em reuniões informais previamente agendadas para mapear as características locais. Durante as entrevistas é possível compartilhar conhecimento a partir do uso da linguagem, mas, também, com interações e trocas de experiências.

O processo de externalização se revela na sistematização de propostas de oficinas estruturadas a partir das análises das entrevistas, pautando a interação comunidade-universidade em elementos significativos e de valor, que contribuem para o crescimento de todos os envolvidos.

A conversão do conhecimento pode ser observada em diferentes etapas do projeto, desde a fase de mapeamento através das entrevistas semiestruturadas, bem como na sistematização e operacionalização dos conhecimentos direcionados à formação dos jovens participantes da ação.

Da mesma forma, a internalização do conhecimento é contemplada no projeto de extensão universitária nas entrevistas que propicia novos conhecimentos sobre a população participante e que respalda as ações das oficinas com jovens estudantes. A internalização se apresenta no aprender a fazer, no “mão na massa”, reorganizando os conhecimentos tácitos, reformulando experiências individuais e coletivas.

Com essa interação contínua e dinâmica entre os diferentes tipos de conhecimento, conforme Nonaka e Takeuchi (1997) expõem, um projeto de extensão respaldado pela GC tem a potencialidade de promover a criação de comunidades de práticas presenciais e/ou virtuais (utilizando redes sociais, tais como WhatsApp, Facebook, entre outros), isto é, espaços de criação e compartilhamento de vivências e conhecimentos, (Dalkir, 2017), fomentando a comunicação entre Universidade e Sociedade auxiliando assim no processo em que os participantes dos projetos sejam eles próprios replicadores e criadores do conhecimento, fomentando sua autonomia e emancipação (Justino et al., 2021).

Por fim, as entrevistas semiestruturadas revelam-se como instrumentos de alta performance para respaldar a criação, elaboração, sistematização e aplicação de projetos de extensão universitária em comunidades de diferentes perfis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discutiu-se que a extensão universitária pode ser mais eficiente e eficaz em seus propósitos, tendo a elaboração de suas propostas pautada no conhecimento prévio capturado e compartilhado por meio de coleta de dados e informações a partir do uso de instrumentos de pesquisa entrevista semiestruturada.

Este artigo procurou refletir e relacionar o conhecimento que, desde a perspectiva da GC (Dalkir, 2005; Nonaka & Takeuchi, 1997), baseia-se em dados e informações e está diretamente ligado a pessoas, representando uma relação de ação com as crenças, vivências e experiências dos indivíduos e, que portanto, pode ser caracterizado em dois tipos: tácito e explícito. Sendo o conhecimento tácito distinto em sua subjetividade, complexidade para ser formalizado, registrado, comunicado e compartilhado, fruto de vivências e experiências e, dessa forma, de difícil reprodução e armazenamento com a práticas de entrevistas semiestruturadas para como um instrumento de coleta de dados qualitativos e de explicitação de conhecimento tácito. Porém, a entrevista não é mobilizada, neste trabalho, apenas como um canal para a transmissão conhecimento do entrevistado, mas entendida em sua possibilidade de diálogo e de construção de uma relação de troca constituindo-se também como um espaço e tempo de vivência e produção de conhecimento.

Desta feita, entende-se que diante do potencial da entrevista semiestruturada não se resume apenas a um instrumento ou procedimento de coleta de dados, mas também (ou principalmente) como um espaço em que se produz conhecimento e, portanto, pela perspectiva da GC, se constitui como importante recurso para desenvolvimento de projetos que tenham como princípio a construção de espaços democráticos, de diálogos e trocas, especialmente em se tratando da extensão Universitária. O tempo reservado para o processo da entrevista semiestruturada em um projeto de extensão corrobora com a verticalização do conhecimento, aprofundando elementos de grande relevância para o trabalho que está sendo desenvolvido por aflorar o capital intelectual, cultural e local que são fundamentais para a efetividade de projetos dessa natureza.

REFERÊNCIAS

- Alvarez-Gayou, J. (2003). Cómo hacer investigación Cualitativa. Fundamentos y Metodología. <https://doi.org/http://www.ceppia.com.co/Herramientas/Herramientas/Hacer-investigacion-a-lvarez-gayou.pdf>

- Álvarez-Gayou, J. (2003). *Cómo hacer investigación cualitativa. Fundamentos y metodología*. México, DF: Paidós Educador. <http://www.ceppia.com.co/Herramientas/Herramientas/Hacer-investigacion-alfvarez-gayou.pdf>
- Alves, R. R., & de Campos, F. C. (2021). Gestão do conhecimento e práticas de explicitação de tácito para explícito: Uma revisão sistemática da literatura dos últimos 20 anos. *Exacta*.
- Dalkir, K. (2013). *Knowledge management in theory and practice*. Routledge.
- Davila, G. A., Fraga, B. D., Diana, J. B., & Spanhol, F. J. (2014). O ciclo de gestão do conhecimento na prática: um estudo nos núcleos empresariais catarinenses. *International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)*, 3(7), 43-64. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>
- Gadotti, M. (2017). *Extensão Universitária: Para quê?* Instituto Paulo Freire.
- Gil, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª. ed.) Atlas, 2008.
- Justino, J.V. da C., Santana, A. N., & Bona, V. de. (2021). Juventude ativa: protagonismo juvenil em prática na educação não formal. *Diversitas Journal*, 6(1 SE-Educação e Ensino). <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i1-1418>
- Matallo Jr, H. (1994). A problemática do conhecimento. In *Metodologia científica: fundamentos e técnicas: construindo o saber*.
- Minayo, M. C. de S. (2016). O desafio da pesquisa social. In R. Minayo, Maria Cecília de Souza; Deslandes, Suely; Gomes (Ed.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 9–27). Editora Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2016). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.
- Neves, P. M. C., & Cerdeira, J. P. (2018). Memória Organizacional, Gestão do Conhecimento e Comportamentos de Cidadania Organizacional. *Perspectivas Em Gestão & Conhecimento*, 8(1), 3–19. <https://doi.org/10.21714/2236-417X2018v8n1p3>
- Nonaka, I.; Takeuchi, H. (1997). *Criação de Conhecimento na Empresa*. Campus.
- Nonaka, I.; Takeuchi, H. (2008). *Gestão do Conhecimento*. Editora Bookman.
- North, K. (2010). *Gestão do conhecimento: um guia prático rumo à empresa inteligente*.
- Pinto, P. F., & Da Silva, S. P. (2020). Conhecimento e educação na modernidade: o debate sobre a subjetividade humana no paradigma da complexidade. *Atos de Pesquisa Em Educação*, 15(2), 285. <https://doi.org/10.7867/1809-0354.2020v15n2p285-307>
- Qu, S. Q., & Dumay, J. (2011). The qualitative research interview. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 8(3), 238–264. <https://doi.org/10.1108/11766091111162070>
- Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª Ed.). Editora Feevale.
- Silva, W. P. da. (2020). Extensão Universitária. *Revista Extensão & Sociedade*, 11(2 SE-Artigos). <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491>
- Sartori, V. (2013). *Comunidade de Prática Virtual como ferramenta de compartilhamento de conhecimento na Educação a Distância* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].

- Sartori, V. (2017). InHab-Read-IHR: metodologia de leitura de entorno para habitats de inovação [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Sveiby, K. E. (1998). A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios do conhecimento.